

Leitura e leitores imersivos em uma biblioteca universitária

Carlos Henrique Tavares de Freitas

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Cuiabá, MT - Brasil.

Bibliotecário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Cuiabá, MT - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/8629742892665640>

E-mail: carlos-freitas@ufmt.br

Kátia Morosov Alonso

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - Campinas, SP - Brasil.

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Cuiabá, MT - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/3326858103129656>

E-mail: katia.ufmt@gmail.com

Cristiano Maciel

Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, RJ – Brasil,

com período sanduíche na Universidade de Coimbra (UC) – Portugal. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) - Cuiabá, MT - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/5234437367053668>

E-mail: crismac@gmail.com

Data de submissão: 06/03/2018. Data de aprovação: 26/07/2018. Data de publicação: 21/12/2018.

RESUMO

Este trabalho é um estudo qualitativo desenvolvido para investigar as características dos leitores e de suas leituras em uma biblioteca universitária, sob influência das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Todos os sujeitos investigados apresentaram características de leitores imersivos, embora alguns se tenham revelado também leitores meditativos; os leitores imersivos não demonstraram preferência por utilizar as tecnologias e o ambiente virtual, em substituição aos materiais impressos disponíveis na biblioteca, como os livros e as publicações periódicas. Além disso, posto que possuísem competências tecnológicas, os sujeitos não demonstraram conhecer nem utilizar, amplamente, os serviços eletrônicos da biblioteca. Isso evidenciou que as necessidades acadêmicas tradicionais, entre elas o uso de materiais impressos, exercem ainda forte influência entre os leitores imersivos que frequentam a biblioteca universitária. Destaca-se, inclusive, a importância de a biblioteca universitária estar adaptada às manifestações da cultura digital presentes em seu contexto, uma vez que as transformações no perfil de seus leitores são evidentes.

Palavras-chave: Prática de leitura. Leitor imersivo. Biblioteca universitária. Tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

Immersive reading and readers in an academic library

ABSTRACT

This work is a qualitative study developed to investigate the characteristics of readers and their reading methods in the context of an academic library, under the influence of the information and communication technologies (ICTs). All subjects tested demonstrated signs of immersive readers, despite some of them having shown signs of meditative reader. Immersive readers, however, have not indicate preference for using neither technologies nor the virtual space, instead of the physical material available in the library, as books and other publications. Even being able to use electronic devices, the subjects showed they neither knew nor used the electronic services available in the library. Based on that, it was possible to conclude that the basic academic needs, the usage of paperback material among them, has still great influence among immersive readers who visit the academic library. We highlight the need of adaptation of the academic library, in order to meet the requirements of the current digital culture manifestation, since readers profiles have been long changing.

Keywords: *Reading practice. Immersive reader. Academic library. Information and communication technologies (ICT).*

Lectura y lectores inmersivos en una biblioteca universitaria

RESUMEN

Este trabajo es un estudio cualitativo que fue desarrollado para investigar las características de los lectores y de sus lecturas en una biblioteca universitaria, bajo la influencia de las tecnologías de la información y de la comunicación (TICs). Todos los sujetos investigados presentaron características de lectores inmersivos, aunque algunos resultaron también lectores meditativos; los lectores inmersivos no han demostrado preferencia por utilizar las tecnologías y el ambiente virtual, en sustitución de los materiales impresos disponibles en la biblioteca, tales como los libros y las publicaciones periódicas. Además, puesto que poseyesen capacidades tecnológicas, los sujetos no demostraron conocer ni utilizar, ampliamente, los servicios electrónicos de la biblioteca. Eso evidenció que las necesidades académicas tradicionales, entre ellas la utilización de materiales impresos, ejercen, todavía, gran influencia entre los lectores inmersivos que asisten a la biblioteca universitaria. Destaca, incluso, la importancia de la biblioteca universitaria estar adaptada a las manifestaciones de la cultura digital presentes en su contexto, una vez que las transformaciones en el perfil de sus lectores son evidentes.

Palabras clave: *Práctica de lectura. Lector inmersivo. Biblioteca universitaria. Tecnologías de la información y de la comunicación(TICs).*

INTRODUÇÃO

A leitura é uma atividade que compreende artefatos, técnicas e tecnologias desenvolvidos e empregados em contextos histórico-culturais diversos. Entre as transformações contemporâneas nessa área, encontram-se modificações nos objetos, no processo de leitura e na própria concepção de leitor, mediante a influência das tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

Atualmente, o desenvolvimento dessas tecnologias aumentou o modo assimétrico, e a sua rápida disseminação e forte influência as tornam um estimulador de importantes mudanças sociais, educacionais, culturais e político-econômicas.

Cientes desse fenômeno, vários pesquisadores têm desenvolvido estudos tratando dessas transformações. O ambiente escolar insere-se também no conjunto das preocupações teóricas, considerando os variados desafios impostos pelas tecnologias no cotidiano de professores e de alunos. Definições como nativos digitais (PRENSKY, 2001), *homo zappiens* (VEEN; VRAKING, 2012), cabeças digitais (NICOLACI-DA-COSTA, 2006) e leitores imersivos (SANTAELLA, 2011) refletem algumas das abordagens discutidas (TOSCHI, 2010), ao mesmo tempo em que alertam sobre o potencial das tecnologias.

Entende-se que no contexto universitário a influência das TICs também proporciona novas experiências entre objetos de leitura e seus leitores. Para o historiador Chartier (2009, p. 13) “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. Desse modo, as transformações não se restringem somente a mudanças de suporte, mas também compreendem a ressignificação da prática de leitura. Uma relação consideravelmente diferente e não mais circunscrita ao universo da cultura escrita e impressa.

Nesse sentido, procurou-se investigar a influência dessas mudanças no ambiente de uma biblioteca universitária, visto que, nesses espaços, ensino, pesquisa, extensão e inovação compõem os objetivos institucionais.

Questionou-se quais seriam as características dos leitores e dos tipos de leitura desenvolvidos na biblioteca universitária. Seus usuários seriam leitores do tipo meditativo, os quais são adeptos da leitura sequencial, movente, habituados a lidar com signos e imagens, ou seriam leitores imersivos, os quais se adaptam mais facilmente à leitura do ciberespaço? Além de compreender melhor essas questões, buscou-se refletir acerca das implicações dessas transformações na biblioteca e na universidade.

Assim, uma pesquisa em âmbito de mestrado foi desenvolvida com o objetivo de analisar as principais características dos leitores e os tipos de leitura desenvolvidos em uma biblioteca universitária, em ambiente influenciado pelas TICs. Embora tenham sido realizados levantamentos preliminares dessa temática, por se tratar de uma abordagem contemporânea, não foram identificados estudos similares ao proposto pela presente investigação na literatura especializada da área da educação, da biblioteconomia e da ciência da informação. Identificaram-se, no entanto, alguns trabalhos moderadamente relacionados ao tema da pesquisa, os quais foram integrados aos aportes teóricos.

As principais fontes de informação empregadas foram os anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), Congresso de Leitura do Brasil (Cole) e do Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (Endipe), além das publicações periódicas *Educação & Sociedade*, *Ciência da Informação*, *Estudos Avançados* e *Revista Brasileira de Educação*, com ênfase no período de 2008 a 2011. Salienta-se que com os desdobramentos da pesquisa, cujos dados são inéditos, esse escopo teórico também foi atualizado, abrangendo ainda o período de 2012 a 2017.

DA LEITURA MEDITATIVA À LEITURA IMERSIVA

A leitura é uma atividade básica na sociedade, pois é uma dos meios pelo qual as pessoas percebem a cultura e o conhecimento humano produzido, e interagem com eles. Através dela, podem se formar cidadãos críticos e ativos em relação às diversas questões do cotidiano, em condições de contribuir para o desenvolvimento social.

Antes do século XVIII, os leitores liam em locais fechados, retirados, imóveis, privados em seus gabinetes e em suas salas, visto que, nesse período, a leitura era condicionada pelas regras morais vigentes. Paulatinamente, a leitura livrou-se dessas restrições, e assim “a história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura” (CHARTIER, 2009, p. 78).

Destaca-se também que as “revoluções da leitura” não estão diretamente relacionadas à transformação da técnica de produção de livros que a imprensa representou posteriormente. Cavallo e Chartier (2002) identificam três “revoluções” da leitura: a primeira compreendeu a afirmação da técnica de leitura silenciosa, como norma e prática cultural que instaurou uma relação com o inscrito mais livre, secreta e interior; a segunda revolução, ocorrida na Idade Moderna, antes da industrialização do livro, correspondeu à instauração da leitura extensiva, mais variada e efêmera, em detrimento da leitura intensiva, que era circunscrita a um conjunto limitado de livros, além de ser respeitosa e repetitiva; finalmente, a terceira revolução da leitura envolveu a transmissão eletrônica de textos e a leitura na tela do computador, características que indicam uma maneira de ler particularmente diferente.

Logo, hodiernamente, essa prática abrange novos sentidos que privilegiam um ou outro aspecto do ato de ler e que enriquecem seu entendimento. Na perspectiva de Silva (2011), a leitura, como compreensão de mundo, implica um exercício de reflexão e de questionamento e, por isso, pressupõe uma interação crítica de mão dupla: enquanto o leitor procura compreender os sentidos que lhe são apresentados por meio da leitura do texto, esse leitor atribui, por sua vez, sentidos ao texto, de modo a transformá-lo.

Nesse sentido, Cagneti (2013) ressalta também a profundidade que envolve a atividade de leitura, por meio da qual o leitor interage mais ativamente com o material lido na qualidade de coautor, a fim de ultrapassar o âmbito do texto escrito.

Realmente, é preciso pensar em outras questões. Principalmente no que seja ler. Conforme Jean Foucambert, uma coisa é ser *alfabetizado*, outra é ser *leiturizado*, o que significa ser leitor/sujeito de um texto, ser coautor do material lido, ser conhecedor dos seus limites, enquanto leitor, e não apenas um decodificador do objeto escrito (CAGNETI, 2013, p. 24, grifos do autor).

Ao refletir criticamente sobre o ato de ler, Freire (2011) vincula a leitura à experiência com o mundo, a qual acontece antes do aprendizado da palavra escrita e se alonga com a escolarização: com a “leitura do mundo”. O ato de ler, segundo Freire (2011, p. 11),

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem (sic) dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Outra questão comum é a abordagem da leitura como algo prazeroso e como uma experiência que proporciona uma interação confortável.

Sobre isso, Manguel (2009) compara a leitura ao ato de degustação: os leitores “saboreiam” o livro, encontram em sua leitura “alimento”, “mastigam” as palavras, “ruminam” o texto ou o “devoram” como alimento de um banquete. Além disso, para Manguel (2009, p. 20) “ler, quase como respirar, é nossa função essencial”.

O ato de ler estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua (MANGUEL, 2009, p. 277).

Segundo esse pensamento, Morais (1996) destaca o prazer pessoal que a leitura possibilita, comparando-a com a alimentação. Porém, esse autor também discute os problemas sociais relacionados à educação pública e ao acesso a bens culturais.

Em outro tipo de pensamento, observa-se a leitura como uma forma de participação política e como um instrumento de luta contra a dominação ideológica. Essa problemática ganha importância à medida que o acesso à cultura escrita, ao livro e às condições formativas essenciais constituam ainda privilégios de determinadas classes. Por sua vez, a leitura crítica pode contribuir para reverter o quadro de alienação política instaurado.

Nesse sentido, alguns pesquisadores ampliam as reflexões para incluir a leitura nos problemas sociais e educacionais. De uma abordagem crítica, não é possível pensar a educação, sem que se pense a questão do poder; pois, se, por um lado, a educação reproduz a ideologia dominante, por outro, proporciona a sua contestação com base na tomada de consciência e na conseqüente confrontação da realidade com o discurso oficial, situação essa que inviabiliza a perspectiva de uma educação neutra (FREIRE, 2011).

Essa dialética repercute também no âmbito da leitura, como processo historicamente determinado, pois a leitura tanto pode servir como mecanismo para a conscientização das pessoas, como pode ser empregada como instrumento de controle e de inculcação ideológica dos setores dominantes, os quais defendem sua permanência no poder. Assim, “a leitura coloca-se como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e a agudização do poder de crítica por parte do público leitor” (ZILBERMAN; SILVA, 2005, p. 112-113).

Pode-se dizer que a educação crítica fornece as bases para práticas de leituras mais conscientes e participativas, a fim de “despertar” os indivíduos para o mundo e de promover o questionamento, a curiosidade, a reflexão e seu espírito criativo.

[...] por desencadear um processo de democratização do saber e maior acesso aos bens culturais, a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este (sic) fator relaciona-se especialmente com a leitura, o que pode ser comprovado, num primeiro momento, a partir das distintas políticas de alfabetização que caracterizam os países do Terceiro Mundo (ZILBERMAN, 1993, p. 15).

A atividade de leitura desenvolve-se como instrumento para a subversão de uma condição social de inferioridade e de um caminho para a autonomia e para a apropriação dos bens culturais, a fim de possibilitar a emancipação dos indivíduos. “Por isto, num caso e no outro [como forma de desenvolvimento social ou enquanto emancipação], a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade” (ZILBERMAN, 1993, p. 16).

No plano político-social, há que se considerar ainda a forma como a leitura contribui para a participação crítica e para a superação das desigualdades. Com base em estudos realizados com jovens da zona rural e da periferia de grandes cidades francesas, Petit (2013) destaca que a leitura, por si só, não tem o poder de reparar as desigualdades ou as violências, muito menos de tornar as pessoas subitamente virtuosas ou solidárias.

Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra (PETIT, 2013, p. 13).

Esse olhar antropológico sobre contextos marginalizados expõe situações problemáticas, mas também demonstra o potencial da leitura para a formação humana e para a inclusão social. Além disso, atribui importante função à literatura, a qual é um “espaço” em que o leitor atua ativamente, reescrevendo sentidos e distorcendo os textos de modo produtivo; contudo, “ele [o leitor] também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo” (PETIT, 2013, p. 29).

No campo das instituições, além da família e da escola, a biblioteca desempenha função relevante para o desenvolvimento e para o incentivo à prática da leitura. Além de ser um espaço essencial para o acesso ao conhecimento, a biblioteca tem na leitura um de seus principais fundamentos, seja como meio de apropriação desse conhecimento, seja como instrumento cultural, lúdico ou simplesmente informacional.

Desde 1944, Lourenço Filho, educador e crítico do sistema educacional brasileiro, apontava a importância da leitura nesse contexto. Nessa perspectiva, retratava, inclusive, a função educativa da biblioteca escolar como unidade informacional que ultrapassa a concepção de “depósito de livros”, quando se prioriza a mediação da informação e do conhecimento entre os educandos e os educadores (BRAGA; PAULA, 2014).

Embora a leitura não se restrinja à escola, ela tem uma função essencial para sua propagação, uma vez que “em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela” (LAJOLO, 2010, p. 7).

Ampliando a compreensão desse assunto, convém destacar que as tecnologias também produzem transformações significativas no campo da leitura, uma vez que os leitores dispõem de novos recursos e conteúdos multimídia que lhes permite ler de modo mais interativo. A leitura, nesse sentido, pode ser entendida de uma maneira diferenciada daquela comumente centrada no material impresso.

[...] precisamos dilatar sobremaneira nosso conceito de leitura, expandindo esse conceito do leitor do livro para o leitor da imagem e desta para o leitor de formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo, também considerados [...] como um dos tipos de leitores, visto que as habilidades perceptivas e cognitivas que eles desenvolvem nos ajudam a compreender o perfil do leitor que navega pelas infovias do ciberespaço, povoadas de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras, textos e sons. [...] é necessário ampliar a concepção mesma do que seja a prática da leitura (SANTAELLA, 2011, p. 16-17).

Para a pesquisadora, a leitura compreende uma profusão de conteúdos oriundos do período moderno e do cotidiano urbano. Ela envolve, ainda e frequentemente, o ciberespaço e sua linguagem hipermediática, os quais são potencializados pela tecnologia dos microcomputadores e das redes eletrônicas de informação.

Nesse contexto de transformações, Santaella (2011) identifica três tipos principais de leitores:

- leitor contemplativo ou meditativo: leitor da idade pré-industrial, do livro impresso e da imagem expositiva e fixa. Esse leitor surge no Renascimento e tem sua hegemonia até meados do século XIX. Ele pratica a leitura linear e sequencial do texto impresso, o qual é geralmente estruturado em linhas, em parágrafos e capítulos;
- leitor movente ou fragmentado: leitor que surge no contexto do capitalismo, da urbanização e da Revolução Industrial e tem seu auge até a época da Revolução Eletrônica; ele constitui-se, portanto, numa atmosfera em que emergem meios de comunicação, como o jornal, a fotografia e a televisão;
- Leitor imersivo, virtual: esse leitor surge na chamada “era digital”, no início do século XXI, no advento da internet e de outras tecnologias emergentes. Trata-se de leitor ágil em ambientes virtuais de informação, nos quais a atenção é difusa, de modo a seguir conexões não lineares de conteúdos inter-relacionados, com a liberdade de guiar sua leitura em meio à variada oferta com mais interatividade.

Nesse contexto também são identificados três tipos de usuários das TICs: o novato, o leigo e o experto. Eles equiparam-se a internautas errantes, a detetives e a previdentes, em conformidade com os tipos de raciocínio *peirceanos* de abdução, de indução e de dedução.

Santaella (2011) compreende, portanto, os leitores de maneira diferenciada, especialmente no que se refere às características cognitivas dos internautas que leem, enquanto “navegam” pelo ciberespaço.

Conforme essas reflexões, García Canclini (2015) percebe que as telas dos equipamentos do presente século servem também para compartilhar textos, de modo que não se pode pensar na hegemonia delas como um triunfo das imagens sobre a leitura; esse autor, por sua vez, afirma que a maneira de ler mudou.

No ambiente do leitor imersivo, o objeto de leitura perde sua densidade física característica, para ganhar nova estruturação e organização. O livro em papel cede espaço à tela, que pode ser de um equipamento de leitura específico, como um e-reader, um microcomputador, um notebook, um tablet ou mesmo um smartphone. Leitores e “livros” podem distanciar-se e, ainda assim, a atividade de leitura pode fluir com o conteúdo armazenado local ou remotamente em servidores virtuais localizados em regiões específicas, muitas vezes distantes fisicamente dos usuários, situação essa conhecida como “armazenamento em nuvens”.

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, e como não poderia deixar de ser, é também uma revolução nas maneiras de ler (CHARTIER, 2009, p. 12-13).

Logo, o ato de “navegar” no ciberespaço envolve um procedimento de leitura na tela repleta de imagens, de sons e de movimentos: um tipo de leitura inédita, mais interativa e dinâmica. Para Toschi (2010, p. 42), “os leitores-navegadores ou os jovens internautas se apropriam (sic) do mundo escrito por meio de um novo tipo de suporte, o eletrônico”.

Ao fazer essas análises, inclusive pela leitura imersiva da era digital, convém destacar que essa situação desafia também as bibliotecas universitárias a conquistarem seu protagonismo, a fim de contribuir para que as tecnologias representem um elemento de inovação efetiva nas unidades de informação e, possivelmente, nas universidades.

A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E AS ATIVIDADES DE LEITURA

As bibliotecas universitárias são instituições essenciais para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. Geralmente têm como atribuições a gestão, a organização e a disponibilização do acesso aos diversos recursos de informação necessários à comunidade acadêmica.

Sua origem remonta ao surgimento das antigas universidades, no período de transição entre a Idade Média e a Renascença. No Brasil, a universidade instalou-se tardiamente, pois, enquanto em outras colônias da América Espanhola havia várias universidades, o país ficou, por muito tempo, restrito à educação religiosa, a qual era ministrada pelos jesuítas; o ensino superior, por sua vez, era acessível apenas nas metrópoles europeias, sobretudo na Universidade de Coimbra (MENDONÇA, 2000), para os filhos das classes mais abastadas.

Entre os anos de 1920 e 1968, a universidade institucionalizou-se no Brasil e assumiu sua configuração atual. Nesse contexto, as bibliotecas universitárias consolidaram-se como unidades vinculadas às instituições de ensino superior (IES). Sua função seria prover condições para o cumprimento dos objetivos de ensino, de pesquisa, de extensão e, mais recentemente, de inovação.

Entre as mudanças contemporâneas ocorridas no contexto das bibliotecas universitárias, destaca-se a informatização dessas unidades. Isso compreende a automação de processos técnicos e de gestão e a oferta de recursos informacionais alternativos, como bases de dados, portais de periódicos, serviço de referência eletrônico e apoio tecnológico, incluindo laboratórios, redes e terminais de acesso à internet.

Sobre a leitura, tema indissociável da biblioteca, também no meio universitário ela revela-se uma prática cultural antiga com traços atuais.

Como explica Chartier (2009), até o século XIV, a leitura na biblioteca universitária envolvia uma “ruminação”: um tipo de leitura murmurada em que o leitor precisava ouvir o som da própria voz. Com o aumento do público que conseguia ler silenciosamente, foi instaurada a norma da leitura silenciosa.

Santaella (2011) descreve os leitores, a partir dessa época, como leitores meditativos, os quais dependiam da leitura dos textos manuscritos e, posteriormente, impressos. Esses leitores são envolvidos em uma atividade fixa, expositiva e sequencial. Coincidentemente, a leitura de características silenciosa e meditativa ainda é prática cultural bastante comum nas bibliotecas atuais.

Com a inserção das tecnologias nas bibliotecas, novas práticas requerem atenção, uma vez que os usuários estão, em geral, habituados a manipular esses recursos, bem como se conectam em redes para comunicação e inclusive para o acesso a informações nem sempre disponíveis em bibliotecas físicas.

Porém, entende-se que outras questões também influenciam as experiências de leitura no contexto universitário. Em seu estudo, Gomes (2008) abordou alguns problemas identificados nesse ambiente, entre eles, a utilização de conteúdos reprográficos, os quais impeliam os alunos à leitura fragmentada, restringiam o acesso a informações científicas e comprometiam o desenvolvimento de uma competência informacional.

Outro aspecto identificado foi o comportamento seletivo dos alunos, no que se refere às prioridades de leitura, as quais eram orientadas pelas obrigações curriculares de modo que a leitura livre e espontânea fosse inexpressiva.

Embora o atendimento às necessidades de informação corresponda à principal responsabilidade da biblioteca universitária, a leitura espontânea, como forma de lazer, de cultura e de informação pode também ser incentivada nesse ambiente, como demonstram Sá e Faria (2013) em sua experiência. Nunes e Carvalho (2016) alertam, por sua vez, para a necessidade de desenvolvimento da competência informacional.

Eles chamam atenção para a atitude proativa esperada da biblioteca universitária, que deve contribuir, em última instância, para a construção do protagonismo social dos indivíduos.

Nesse sentido, são identificados diversos estudos (COSTA et al., 2016; MESSIAS, 2014; SANTOS; LOPES, 2017; SILVA et al., 2014) dedicados à relação das bibliotecas com as redes sociais; eles pautam-se pela inevitável abordagem das tecnologias no ambiente cuja tradição, geralmente, esteve relacionada com material impresso.

Pode-se dizer que atualmente as tecnologias estão presentes tanto nos serviços internos como nos serviços externos das bibliotecas universitárias. Os usuários podem ter acesso a recursos que fazem parte de seu cotidiano, como computadores, redes, mídias sociais, e têm, à sua disposição, produtos e serviços voltados para suas pesquisas acadêmicas, como coleções de e-books, bases de dados, periódicos eletrônicos, serviço de referência eletrônica.

Lê-se aritmeticamente um LI [livro impresso], navega-se, geometricamente um LE [livro eletrônico], os objetos e produtos são aparentemente desiguais, mas a matemática é a mesma, a de interpretar símbolos e linguagens e aprender a produzi-los pedagógica e cientificamente (CAMPOS, 2008, p. 206).

Há que se considerar, entretanto, que essa realidade implica transformações abrangentes no contexto das bibliotecas universitárias. O leitor contemporâneo pode acessar, ler e intervir em conteúdos informacionais, os quais estão afastados geográfica e cronologicamente, no sentido de utilizar as tecnologias como elementos interativos e propulsores de novas experiências, aprendizagens e sensibilidades.

Essas relações ressignificam algumas premissas consolidadas na biblioteca universitária. À medida que a atividade de leitura transcorre em forma de “navegação”, e os leitores desenvolvem suas pesquisas como internautas com um repertório dinâmico de recursos informacionais hipermediáticos disponíveis, apoiar o cumprimento dos objetivos institucionais do ensino superior revela-se, cada vez mais, um desafio contínuo.

CONTORNOS METODOLÓGICOS

O estudo envolveu uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. O tipo de pesquisa exploratória foi útil por proporcionar um panorama acerca do objeto de pesquisa (GIL, 2012). Com isso, obteve-se mais familiaridade com o campo de estudo, testaram-se e validaram-se instrumentos e fizeram-se as adequações necessárias, uma vez que a leitura imersiva continua sendo pouco explorada na literatura.

Por ser uma atividade situada, a abordagem qualitativa permite ao observador localizar-se no âmbito da pesquisa mediante várias práticas materiais e interpretativas. Por meio dessas práticas, foram elaboradas representações no decorrer da pesquisa, como notas de campo e transcrições de entrevistas e de observações das atividades realizadas.

O processo investigativo não se centrou, portanto, nos aspectos quantitativos, mas nas “qualidades” das relações, dos processos e dos significados que não são examinados em termos de quantidade, de volume, de intensidade ou de frequência (DENZIN; LINCOLN, 2008), como os hábitos, as técnicas e as habilidades.

O *locus* da investigação foi a Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde os sujeitos foram selecionados com base em critérios preestabelecidos. Nesse sentido, a pesquisa teve os seguintes desenvolvimentos:

1ª fase – Perfil socioeconômico e cultural dos usuários/leitores

- Instrumento de coleta: questionário semiestruturado com 45 perguntas;
- requisitos: os sujeitos deveriam ser usuários reais e ativos da biblioteca e com disponibilidade de colaborar por meio da abordagem direta no ambiente da pesquisa;
- finalidade: aproximação inicial e mapeamento de uma amostra de sujeitos, de modo a identificar, entre os usuários reais da biblioteca, aqueles com assiduidade e com condições de uso de todos os recursos e tecnologias disponíveis;

- período: a abordagem ocorreu em dois dias de maior fluxo, nos três períodos de funcionamento do ambiente, 28 e 30/03/2011;
- amostra: 480 alunos.

2ª fase – Entrevistas e observação participante

- Instrumentos de coleta: entrevistas e observações de processos de navegação com atividades dirigidas, o que incluiu gravação em áudio e vídeo;
- requisitos: serem alunos de graduação, de pós-graduação ou serem técnicos ou professores com uso frequente da biblioteca, ter domínio das tecnologias e não estar em fase de entrada ou saída da instituição;
- finalidade: observar, na prática, por meio de atividades controladas, a navegação e o uso de recursos eletrônicos para identificar o perfil dos leitores;
- período: entre 10/11 e 22/12/2011;
- amostra: 11 usuários entre os participantes da primeira fase: 5 alunos de graduação, 3 alunos de pós-graduação, 2 técnicos administrativos e 1 professor.

Na primeira fase do estudo, o tratamento dos dados foi estatístico, devido ao grande volume de informações. As questões qualitativas foram mais importantes para a seleção dos sujeitos da segunda etapa da pesquisa. Portanto, a seleção dos sujeitos para as entrevistas e para as observações foi realizada conforme os dados iniciais e os critérios estabelecidos.

Para o tratamento dos dados coletados por meio dessas entrevistas, foi realizada a transcrição literal das respostas dos sujeitos, seguida da descrição minuciosa das atividades realizadas no computador, o que envolveu atividades de navegação.

¹Devido ao tempo transcorrido, foi realizada uma atualização do conteúdo até o ano de 2017. Eventos específicos, realizados em 2018, não foram considerados, por não terem ainda anais publicados, com base em revisão de estudos mais recentes. Além disso, os dados apresentados nessa ocasião são inéditos.

Essas atividades simulavam percursos genéricos e pesquisas acadêmicas na internet e uso de alguns recursos eletrônicos da biblioteca. Em seguida, os dados foram analisados de forma interpretativa, e comparados com a literatura especializada.

A PERSPECTIVA DO LEITOR IMERSIVO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

O refinamento dos dados da primeira fase do estudo permitiu identificar características genéricas. Porém, qualitativamente, esse processo também norteou a seleção dos sujeitos da fase final, com base em critérios preestabelecidos e no contexto pesquisado.

Desse modo, o grupo da fase final é representativo do *corpus* total de sujeitos, e a sua composição, em sua maioria alunos, considerou a proporcionalidade da comunidade acadêmica, a fim de compor a base das entrevistas e das observações realizadas. Com o resultado da análise dos dados obtidos, foi possível a identificação do perfil dos leitores, conforme o propósito do estudo.

Neste trabalho, a fim de discutir as questões-chave satisfatoriamente, percebeu-se a necessidade de elaboração de um quadro de apoio (quadro 1), que foi organizado com base nas análises das entrevistas, dos relatórios das atividades de navegação e das demais observações realizadas. Esse quadro contém uma escala que articula os principais aspectos observados, e serviu de apoio para a discussão e apresentação dos resultados em três tópicos básicos: 1) os processos de leitura, 2) os leitores, as tecnologias e o ciberespaço e, 3) a Biblioteca Central e os serviços on-line.

Quadro 1 – Aspectos-chave identificados nas entrevistas e nas observações

TIPO	ID. DO LEITOR	ACESSO E USO DAS TIC E DO CIBERESPAÇO (ENTREVISTAS)						PROCESSOS DE NAVEGAÇÃO NO CIBERESPAÇO		
		FREQUÊNCIA DE USO DA BIBLIOTECA	USO DAS TIC NA BIBLIOTECA	USO DAS TIC EM OUTROS LOCAIS	NAVEGAÇÃO/ USO RECURSOS DO CIBERESPAÇO	RECURSOS ON-LINE DA BIBLIOTECA	LEITURA HIPERTEXTUAL CIBERESPAÇO	PESQUISAS GERAIS	PESQUISAS ACADÊMICAS	RECURSOS ON-LINE DA BIBLIOTECA
Alunos de Graduação	Leitor A	A	A	A	A	I	A	A	A	I
	Leitor B	B	A	A	I	B	B	I	I	B
	Leitor C	B	B	A	I	B	I	I	I	B
	Leitor D	I	I	A	A	I	A	A	A	I
	Leitor E	A	B	I	I	I	I	I	I	I
Alunos de Pós-Graduação	Leitor F	I	B	I	I	I	A	I	A	I
	Leitor G	A	B	A	I	B	A	I	A	B
	Leitor H	I	B	I	I	I	A	I	A	I
Funcionários Técnicos Administrativos	Leitor I	B	B	I	I	I	A	I	B	I
	Leitor J	B	B	I	I	B	I	I	I	B
Professores	Leitor K	B	B	A	A	N	I	A	A	N

Escala: **A** – Alto. **I** – Intermediário. **B** – Baixo. **N** – Nenhum.

OS PROCESSOS DE LEITURA

A análise de dados revelou que a maior parte dos sujeitos investigados possuía a compreensão do processo de leitura e de “navegação” possibilitada pelo ciberespaço, inclusive no que concerne à leitura hipertextual, a qual envolve hiperlinks incorporados ao texto eletrônico: aproximadamente 91% dos sujeitos oscilaram entre o nível alto e o intermediário nesse quesito. Igualmente, esses sujeitos apresentaram sintonia na preferência por consultar as fontes eletrônicas, para acessar informações atualizadas, rápidas e confiáveis simultaneamente, em vez de utilizar os materiais impressos para suprir essa necessidade de informação.

Ao analisar relatórios de empréstimos de livros, constatou-se também que os leitores com características imersivas realizavam uma quantidade significativa e frequente de empréstimos de livros impressos. Além disso, questionou-se sobre a preferência desses sujeitos de ler livros e demais materiais impressos ou de ler diretamente na tela do computador. Confirmou-se que todos os entrevistados preferem ler livros e materiais impressos por algumas das razões apresentadas a seguir:

- possibilidade de contato físico com os livros, tatear, folhear ou marcar páginas;
- praticidade para leitura e para movimentação das páginas;
- familiaridade com o livro impresso;
- comodidade para manusear o material impresso;
- conforto de poder ler em qualquer lugar e acomodado em diversas posições;
- cuidados com os olhos, visto que alguns sujeitos já possuíam problemas de visão;
- facilidade de concentração na leitura e melhor compreensão;
- confiabilidade proporcionada pelo material impresso;

- gosto pelo material impresso, por adquirir e colecionar livros para leitura;
- hábito de leitura.

Logo, nenhum desses leitores admitiu que “preferia” ler na tela do computador, embora alguns deles tenham reconhecido que, dependendo da situação, torna-se mais viável a leitura na tela.

Essas questões reforçaram o entendimento de que, embora os sujeitos utilizem tecnologias com frequência e com relativa facilidade, a identificação de seus perfis deveria considerar a complexidade de suas experiências e necessidades.

Os leitores imersivos não deixaram, nesse caso, de ser leitores meditativos, apenas o eram em menor grau, pois a cultura acadêmica se mostrava ainda fortemente vinculada aos materiais impressos, de modo que as exigências de estudo e de pesquisa envolviam principalmente esse tipo de material. No contexto investigado, os leitores imersivos demonstraram agir como leitores meditativos, especialmente por conta dos seguintes aspectos: necessidade de pesquisa acadêmica, confiabilidade na autoridade dos materiais impressos, preferências e comodidade para realizar suas leituras.

Embora a leitura imersiva tenha sido investigada em um ambiente acadêmico, não se ateu a questões relativas a produtos e a serviços, pois o estudo teve como finalidade identificar o perfil dos leitores quanto à influência das tecnologias.

Observou-se que, no contexto investigado, o perfil de leitores que se delineava não podia ser limitado a um aspecto apenas, pois alguns não se apresentavam nem completamente imersivos nem completamente meditativos. Em outros casos, foi possível identificar leitores altamente imersivos, cujas habilidades de navegação, de rotinas e de técnicas privilegiavam o uso de conteúdos digitais de informação. Esses perfis estão sintetizados no quadro 2.

OS LEITORES, AS TECNOLOGIAS E O CIBERESPAÇO

O grupo de alunos participantes da pesquisa era formado principalmente de jovens que demonstraram utilizar com frequência a biblioteca e possuir maior domínio das tecnologias.

O uso dos recursos eletrônicos oscilou de intermediário (72,7%) a alto, de modo que o uso das TICs, em outros ambientes variou também de alto (54,5%) para intermediário. Durante a observação das atividades práticas e das pesquisas gerais, confirmou-se que a maioria dos leitores se encontrava em nível intermediário (72,7%) a alto; contudo, sobre a realização de pesquisas acadêmicas no ambiente virtual, a proporção de usuários variou sobretudo de alto (54,5%) para intermediário (36,4%). Portanto, constatou-se que os leitores demonstraram efetividade ainda maior nas atividades práticas de navegação gerais e acadêmicas, em especial aqueles leitores que relatavam utilizar razoavelmente os recursos eletrônicos.

Ressalta-se que o uso das tecnologias no ambiente da biblioteca foi considerado extremamente baixo (27,3%). Além disso, durante as atividades práticas, ficou evidenciado que a maioria dos sujeitos possui domínio razoável dos recursos on-line da biblioteca, como navegação no sítio, acesso ao sistema de consulta, realização de reservas, renovações e similares. Os dados a esse respeito oscilaram do nível intermediário (54,5%) a baixo (36,4%). Em razão do conjunto de características constatadas na fase final do estudo e das respectivas análises, verificou-se que a maior parte dos sujeitos correspondeu a usuários leigos e expertos, nessa ordem, o que pode ser visto com mais detalhes no quadro 2.

Os usuários leigos são aqueles que normalmente precisam aprender por iniciativa própria, uma vez que compreendem alguns mecanismos do ambiente virtual e têm de descobrir outros, no sentido de que evoluem por tentativa e por erro (SANTAELLA, 2011). Quanto ao usuário experto:

O experto, por fim, tem conhecimento dos aplicativos no seu todo, manipulando as ferramentas e os comandos

com desenvoltura e velocidade. Transita pela rede com familiaridade em função da representação mental clara que tem da estrutura, da qualidade e das idiosincrasias dos mecanismos de navegação (SANTAELLA, 2011, p. 66).

Durante as observações, percebeu-se que os usuários leigos apresentavam objetividade nos processos de navegação, domínio maior da pesquisa acadêmica com o uso da internet, razoável disciplina e compreensão diferenciada da leitura e da navegação hipertextual. Considerando a diferença de tipos de sujeitos investigados, alunos de graduação e de pós-graduação e servidores, técnicos-administrativos e docentes, não houve muita distinção das suas características gerais, como usuários, leitores e internautas.

Observou-se que os servidores utilizam muito pouco a biblioteca e as tecnologias disponíveis. Embora utilizassem esses recursos em outros ambientes, eles demonstraram compreender razoavelmente o processo de leitura e de navegação no ambiente virtual, de modo a ser compreendidos como usuários leigos com características de navegadores detetives, devido à desenvoltura apresentada.

A professora que colaborou com o estudo revelou-se assídua frequentadora do ambiente e incentivadora de seu uso pelos alunos. Conquanto utilizasse pouco o ambiente no período do estudo, por retornar de um afastamento, e não conhecesse os serviços eletrônicos disponíveis, ela era uma leitora altamente imersiva, e sua participação na pesquisa evidenciou uma característica dos professores que normalmente mantêm acervos particulares em seus departamentos. Isso contribui para eles que utilizem com menos frequência a biblioteca. As questões identificadas evidenciam que, embora os leitores tradicionais utilizem a biblioteca com foco em atividades acadêmicas e buscando materiais tradicionais, também agem ativamente no meio digital.

A BIBLIOTECA CENTRAL E OS SERVIÇOS ON-LINE

A maior frequência de uso da biblioteca foi observada entre os alunos de graduação e de pós-graduação. De modo geral, quase a metade dos leitores demonstrou utilizar a biblioteca com regularidade, com variações de uso intermediário a alto, enquanto a outra metade apresentou baixo índice de utilização desse ambiente.

Considerando a importância da informação no contexto atual, é indispensável que a biblioteca disponha de um aparato tecnológico que permita oferecer acesso eficiente às fontes informacionais necessárias para as pesquisas de seus usuários. Posto que a biblioteca não dispusesse de estrutura à altura de grandes unidades de outras IES, os recursos disponíveis, como terminais para consulta, computadores para pesquisa e acesso a bases de dados, mostravam-se úteis para as pesquisas acadêmicas. A pesquisa evidenciou baixo índice de uso das tecnologias disponíveis pelos sujeitos.

Nenhum dos leitores pesquisados demonstrou utilizar amplamente os serviços on-line da biblioteca, como sítio, catálogo eletrônico ou os serviços de renovação e de reserva de livros, embora pouco mais da metade dos sujeitos tenha demonstrado utilizar moderadamente esses recursos em suas navegações e buscas eletrônicas. No contexto dessa e das demais observações, ficou evidente a força exibida pela cultura do impresso e da leitura meditativa na biblioteca universitária. O acervo físico apresenta também maior popularidade, quando comparado com o acesso à informação em outros suportes ou meios, como o ambiente eletrônico. Ainda assim, a maioria dos sujeitos da fase final do estudo revelou habilidades tecnológicas regularmente desenvolvidas, pois utilizavam variados recursos em outros contextos, além do ambiente da biblioteca e da própria universidade. As características dos leitores podem ser observadas no quadro 2:

Quadro 2 – Características do usuários/leitores

LEITOR	TIPO DE LEITOR	USUÁRIO	INTERNAUTA
A	IMERSIVO	EXPERTO	PREVIDENTE
B	IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
C	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
D	IMERSIVO	EXPERTO	PREVIDENTE
E	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
F	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
G	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
H	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
I	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
J	MEDITATIVO – IMERSIVO	LEIGO	DETETIVE
K	MEDITATIVO – IMERSIVO	EXPERTO	PREVIDENTE

Fonte: os autores.

Obs.: O destaque em negrito foi atribuído às características mais acentuadas, dentre aquelas que aparecem em dupla. As Categorias, tipos de leitores, tipos de usuários e tipos de internautas, foram baseadas em Santaella (2011) para fins de análise e discussão.

Conclui-se que todos os sujeitos investigados possuem algumas características de leitores imersivos, conforme se observa no quadro 2. Além disso, o perf il imersivo ficou mais evidente entre os leitores A, B, D e K. Em todos os casos, o aspecto imersivo encontra-se patente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das inovações tecnológicas contemporâneas, os leitores não correspondem mais a indivíduos passivos e dependentes de materiais impressos; no meio acadêmico, porém, a força da cultura impressa tem, como consequência, que tanto leitura meditativa como leitura imersiva influenciam os perfis de leitores.

Além dos leitores meditativos e dos leitores imersivos, há ainda aqueles sujeitos que combinam essas duas características no mesmo perfil, embora, em geral, uma ou outra característica sobressaia. Os perfis identificados não são fechados, assim como cada tipo de leitor em particular não precisa ser tratado de maneira limitante (SANTAELLA, 2011).

O presente estudo partiu do reconhecimento da ampla função da leitura na sociedade contemporânea, especialmente por meio das transformações impostas pelas tecnologias na biblioteca universitária. Essas mudanças são evidentes, mas ocorrem de maneira irregular nos diversos contextos, como por exemplo, no meio social e no ambiente acadêmico.

Ao examinar os resultados obtidos, conclui-se que demorará ainda para que as TICs possam modificar mais intensamente a cultura impressa nas universidades e as práticas dominantes de leitura, sendo que tais transformações tendem a seguir as peculiaridades dos distintos contextos envolvidos.

É importante que as instituições se preocupem com as transformações em curso; visto que frequentemente a influência das tecnologias na cultura digital dos leitores os torna aptos a interagir com recursos que nem sempre as bibliotecas poderão suprir e que deverão demorar a integrar sua filosofia de trabalho.

Há pouco tempo, as redes sociais eram tratadas como tabus no ambiente acadêmico, e os alunos eram proibidos de acessá-las, e o são, ainda, em muitos casos. Discutir a leitura imersiva, recentemente sistematizada, poderia parecer tão pouco relevante quanto essas mídias sociais.

Porém, em tempos recentes, diferentes pesquisadores têm destacado a leitura praticada nas telas e no ciberespaço; novas preocupações em linha com a leitura imersiva exigem contudo atenção. Como prover acesso contínuo a coleções eletrônicas? Como incentivar a competência informacional dos usuários? Como inovar, no contexto de crise econômica que se presencia nas universidades públicas? Questões dessa natureza não são novidades, e constantemente demandarão aprofundamentos empíricos e empenho adicional da parte de bibliotecários, de educadores e de gestores, uma vez que a universidade pública possui inúmeros desafios que extrapolam suas atribuições ordinárias.

Logo, é importante que as IES reconheçam as manifestações da cultura digital presentes na comunidade acadêmica. As bibliotecas devem, por seu turno, definir uma posição estratégica como unidade de informação capaz de articular atividades inovadoras, a fim de promover interações produtivas que envolvam mídias e conteúdos digitais de informação. Essa atuação possibilitará tratar seus usuários como cidadãos, como leitores, mas também como internautas adaptados à cultura digital.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, A.A.; PAULA, R.S. de L. A biblioteca escolar e sua representação educativa. *Cad. Ed. Tec. Soc.*, v. 5, p. 245-257, 2014.
- CAGNETI, S. de S. *Leituras em contraponto: novos jeitos de ler*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CAMPOS, J. O futuro do livro e o livro do futuro (universidade e cultura digital). In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Org.). *Inovação e qualidade na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 193-207.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. v.1. (Coleção Múltiplas Escritas).
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

- COSTA, E.H. dos S. et al. Biblioteca universitária e as redes sociais: interação e trocas na construção do conhecimento. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus. *Anais...* Manaus: SBNU, 2016.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 432 p.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época, 22).
- GARCÍA CANCLINI, N. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2015. (Coleção Os livros do Observatório). Edição digital do Kobo.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 200 p.
- GOMES, H.F. Mediações para a leitura na universidade: ações docentes e da biblioteca. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARTINS, W. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca com um capítulo referente à propriedade literária*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série temas, 49).
- MENDONÇA, A.W.P.C. A universidade no Brasil. *Rev. Bras. Educ.*, n.14, p. 131-150, 2000.
- MESSIAS, L.C. da S. As redes sociais de leitura com instrumentos auxiliares de seleção de materiais: uma experiência com a rede social Skoob. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SBNU, 2014.
- MORAIS, J. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 327 p.
- NICOLACI-DA-COSTA, A.M. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.
- NUNES, M.S.C.; CARVALHO, K. de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. *Persp. Ci. Inf.*, v. 21, n. 1, p. 173-193, 2016.
- PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2013. 189 p.
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. *On the horizon*, v. 9, n. 5, p.1- 6, 2001.
- SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011. 192 p.
- SANTOS, M. P.; LOPES, J.R. Desafios da biblioteca diante das redes sociais no processo de formação de leitores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26., 2017, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: CBBDD, 2017.
- SÁ, R.M.C. de; FARIA, C.V. de. Espaço de leitura da Biblioteca Central da UFMG: um relato de experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: CBBDD, 2013.
- SILVA, E.T. da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SILVA, G. da P.F. et al. O poder das redes sociais na prática do serviço de referência em bibliotecas universitárias. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SBNU, 2014.
- TOSCHI, M.S. (Org.). *Leitura na tela: da mesmice à inovação*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.
- VEEN, W.; VRAKKING, B. *Homo zappiens: educando na era digital*. Porto Alegre: Artmed, 2012. 140 p.
- ZILBERMAN, R. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11. ed. rev. e atual. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. (Série Novas Perspectivas: Educação, 1).
- _____.; SILVA, E.T. da. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.